

Capitão de Candombe

David Alves

Candombe

escritos de um Capitão

Organizador

Ridalvo Félix



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2017

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor
Rui Rothe-Neves

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Emília Mendes
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais
Stéphanie Paes

Diagramação
Katryn Rocha

Revisão de provas
Estella Vidotti

ISBN
978-85-7758-326-3 (impresso)
978-85-7758-327-0 (digital)

Endereço para correspondência
LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3409-6072
e-mail: vivavozufmg@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Apresentação**
- 7 Origem do Candombe**
- 21 Os negros têm a intercessão de
Nossa Senhora em três ocasiões**
- 27 Não confundir Candombe com Candomblé**
- 33 Tradição do Candombe**
- 39 Candombe da Lapinha**
- 47 Sobre o autor**
- 51 “Ô santanê / Ô santaná / Saravo o nganga
David / No firmamento desse Congá”**
- 57 Gravações sonoras**

Apresentação

A voz dos mestres da oralidade entrou no universo do impresso inicialmente pela mão de escritores e pesquisadores e só bem recentemente começaram a surgir publicações impressas escritas pelos próprios mestres. Mestre Didi, assinando a coletânea *Contos negros da Bahia*, publicada pela primeira vez em 1961, foi a primeira experiência brasileira de um livro de narrativas orais assinado pelo contador.

A descrição de ritos, cantos e danças coube a folcloristas, a antropólogos e etnomusicólogos. Os mestres, até há pouco tempo, sempre intérpretes das vozes ancestrais, coletivas, agora assumem a autoria – escrevem e inscrevem com a sua assinatura a tradição transmitida pela voz, pelo corpo.

David Alves, que escreve e assina este livro sobre o *Candombe*, é um dos primeiros mestres a ter essa nova experiência de escrever de próprio punho os saberes transmitidos pela voz.

Sônia Queiroz

Nas Tendas das Curandeiras
 mas Tribus Africanas, existia
 um instrumento de nome,
 Condombi, o qual era tocado
 nos rituais de evocação das
 entidades e ~~apresentação~~
~~Comunicação~~ de Amuletos e
 Divindades Africanas, ~~Chamados~~
 para Cerimoniais. Nas Cezolas,
 Os Negros, tinham o mesmo
 instrumento, o Cazdeombi, para
 a mesma finalidade. Quando,
 esgotadas todas as tentativas
 de Ter N. S. das águas, foram
 chamados Os Condombeiros, então
 eles fizeram Rapimento mais
 3 instrumentos, 2 eram
 semelhante ao 1º porém menor
 o 3º era semelhante a um
 Cuzca de Escola de Samba, porém
 grande e Rustica, e dava um
 som semelhante ao rolado de
 um Perleco. Após Terem N. S.
 do Rio das águas e lutarem
 Para a Terça, eles deram nome
 a Cada Tambi, o maior que
 antes era Timba o nome Condombi
 passou a Ter o nome de Santomá
 o menor que este (Chama) o 2º
 menor Ervo, e ao arno (Puita)

Origem do Candombe

Nas tendas dos curandeiros das tribos africanas existia um instrumento de nome Candombe, que era tocado nos rituais de evocação dos ancestrais e divindades africanas para o cerimonial. O Candombe trabalhava nos momentos em que os negros se reuniam para cultuarem seus deuses (orixás). Quando os negros foram tirados da África e levados para países que estavam sendo colonizados por católicos, eram repreendidos e até mesmo castigados nos momentos em que se reuniam para o cerimonial (cultuar seus deuses). Além de serem proibidos de cultuar seus antepassados, os negros eram obrigados a cultuar os santos da Igreja Católica. Até que um dia sentiram a necessidade de criar um sincretismo, ou seja, disfarçar seus orixás em santos da Igreja Católica para que não fossem repreendidos pelos seus senhores. E assim fizeram:

- Cultuando Ogum, eles diziam cultuar São Jorge;
- Oxosse, São Sebastião;

- Xangô, São Jerônimo;
- Iemanjá, Nossa Senhora da Glória.

Cada um desses santos tem características semelhantes a dos orixás a eles relacionados. Com o passar do tempo os negros foram simpatizando com o catolicismo, porém sendo fiéis às suas origens religiosas espiritualistas. Eles eram proibidos de entrar na igreja para rezar, sendo obrigados a rezar, sim, mas nas senzalas. O tempo foi passando, passando, até que Nossa Senhora resolveu interceder por eles aparecendo nas águas do mar, e com um propósito: só sairia das águas e iria para a igreja acompanhada pelos mais humildes dos humildes. Estes seriam os negros cativos de senzalas, que não tinham nenhuma regalia.

Os senhores de escravos, juntamente com o padre e toda a sociedade, tomando conhecimento do fato, trataram logo de providenciar o que fosse necessário para levá-la para a igreja. Eles se organizaram e foram ao local onde a santa estava. O padre fez as orações e, em seguida, convidou-a para acompanhá-los, mas ela continuou quieta. Então, o padre iniciou a reza de uma missa e, ao terminar, convidou-a, mas ela continuou imóvel. Resolveram tentar

outra maneira, e banda de música começou a tocar, artistas populares de todos os gêneros da época, guarda de congo, moçambique etc., tudo sem sucesso. Esgotadas todas as tentativas, já estavam para desistir quando chegaram os candombeiros com seus tambus (tocos de pau ocado com couro de boi pregado de um lado).

Nas senzalas os negros tinham o Candombe com a mesma finalidade que ele tinha nas tribos africanas. Então eles fizeram rapi-dinho mais três instrumentos: dois eram semelhantes ao primeiro, Candombe, porém menores, e o terceiro era semelhante a uma cuíca de escola de samba, porém grande e rústica. O som produzido pela cuíca era semelhante ao roncado de um porco.

Num determinado momento começaram aqueles rizinhos de deboche e até mesmo agressões verbais ao grupo, por se tratar de escravos que não tinham nenhuma regalia nem vestimentas especiais (uniformes). Esse grupo era de senzala, suas vestes eram de senzala, pé no chão, e só se apresentava dentro dela; ou seja, um grupo 100% cativo, pois só saíam para o trabalho. Os demais grupos que ali estavam, guardas de congo, moçambique etc., eram formados por negros semilibertos, que tinham permissão para formarem suas

guardas e tinham certa regalia para fazerem apresentações festivas, culturais, religiosas e tradicionais herdadas de seus antepassados.

O candombeiro responsável pelo grupo se apresentou e pediu permissão ao Rei de Congo para fazer a tentativa. Este deu a autorização. A multidão que ali estava, não concordando com a atitude do Rei de Congo, começou a hostilizar os candombeiros, agredindo-os verbalmente, e ameaçando agredi-los fisicamente. Nossa Senhora intercedeu por eles e naquele momento formou-se aos olhos da multidão uma gigantesca onda. Aí começou a gritaria, o corre-corre, e a multidão gritava:

— É castigo! Vamos todos morrer e a culpa é desses negros senzaleiros, que não deviam estar aqui, deviam estar na senzala, que é seu lugar!

Os candombeiros permaneceram quietinhos em seus lugares, porque a fé em Nossa Senhora era maior do que o medo. Eles acreditavam que ela os salvaria. Foi quando o milagre aconteceu diante da multidão. Todos viram a onda se quebrar e as águas passarem suavemente sob os pés de Nossa Senhora e pararem há alguns metros de onde os candombeiros estavam.

Nesse momento eles se ajoelharam e rezaram ao ritmo dos tambus:

1.

Ave Maria ia
Ave Maria ia
Pai Nosso
Que estais no Céu
Ave Maria

O Capitão levantou e disse:

— Oh, minha Mãe! Vamo pra igreja, aqui a Senhora num pode ficá, a Senhora num pode moiá.

Ela respondeu:

— Como que sou Mãe? Você me conhece? Eu não tenho um nome? Nem sou batizada?

Nossa Senhora queria ser batizada pelos mais humildes, porque com esse nome ela ia se tornar a protetora dos negros, simples e humildes.

O candombeiro disse:

— Eu não tenho capacidade e nem poder de batizá-la, mas se a Senhora permitir eu posso te dar um nome.

A santa respondeu:

— Pode me batizar, meu filho, eu lhe dou esse poder.

— A Senhora é nossa mãe e eu a batizo de Nossa Senhora do Rosário, em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, Amém.

E disse:

— Que rufem o Candombe e todos os tambus.

E sob a marcação dos tambus iniciou a oração:

1.

Ave Maria

Ave Maria

Pai Nosso que está no Céu

Ave Maria

Neste momento Nossa Senhora do Rosário começou a caminhar sobre as águas. Sua coroa caiu e foi para o fundo do mar. Um dos moçambiqueiros pulou nas águas para pegá-la. O candombeiro falou:

— Instrumento dobrado!

E puxou o verso:

2.

Nossa Senhora, não fique nas águas

A Senhora não pode moia

Nossa Senhora

Vamo pra igreja

Porque a igreja que é

Seu luga

Quando ele terminou de cantar os versos, Nossa Senhora do Rosário veio caminhando sobre as águas, chegando até onde estavam os candombeiros; tocou com a mão em cada tambu, abençoando-os e transformando-os em tambus sagrados, dando-lhes poder

de cura. Mas para alcançarmos uma graça de cura ou alívio, só vai depender de nossa fé, e também de estarmos em sintonia com a divindade, isto é, mente e coração puros.

O Candombe levou a santa até onde estava o grupo mais próximo, que no momento era o moçambique. Parou e pediu à guarda que botasse a coroa nela, recuou, passando a este grupo a responsabilidade de puxar a coroa, já que foi a penúltima guarda que tentou tirar a santa das águas. Iniciou-se o cortejo para levá-la à igreja (procissão), em que a ordem de saída dos grupos obedecia à de sua chegada para buscar a santa: banda de música, demais grupos e guardas de congo foram na frente, e o moçambique foi puxando a coroa.

O trono coroado de todas as guardas se posicionou atrás do andor de Nossa Senhora do Rosário, protegendo-a; o Candombe atrás do trono coroado, protegendo-o; e, por fim, a multidão, atrás do Candombe. Pelo trajeto todos foram louvando e festejando Nossa Senhora do Rosário, através da dança e do cântico, ao som dos instrumentos. Foram momentos de muita festa e alegria.

Ao nos aproximarmos¹ da igreja foi se formando um corredor para Nossa Senhora passar. Nessa hora as guardas iam se aproximando e parando de tocar, se agachando ou ajoelhando para reverenciar, rezar. Só o Candombe continuava tocando e pedindo licença para Nossa Senhora passar, levando-a até o altar, onde ela se posicionou e se transformou em imagem talhada. Os candombeiros se ajoelharam para rezas e agradecimentos, pedindo que ela não voltasse mais para a praia. A partir de então os negros passaram a ter permissão para entrar na igreja para rezar e louvar à Nossa Senhora do Rosário. Inspiradas por Nossa Senhora do Rosário, as cozinheiras arrecadaram mantimentos e fizeram um almoço que foi servido gratuitamente no pátio da igreja a todos os participantes. Não era muita comida, mas deu para todos e ainda sobrou, porque estava abençoada pela santa. Os candombeiros sob o ritmo dos tambus rezaram cantando para agradecer:

¹ Optou-se por manter o uso da primeira pessoa do plural, fato recorrente nos registros do Capitão David, por ser essa uma forma de (re)atualização dos acontecimentos transmitidos oralmente na tradição do Candombe. Dizendo “ao nos aproximarmos” o Capitão reconstituiu em sua fala um acontecimento outrora ocorrido, em que ele se insere como um dos personagens durante as performances ritualísticas que (re)surgem e se presentificam pela memória coletiva. (N. do E.)

3.

Bendito é... louvado seja...
É o Santíssimo Sacramento
Os anjos... todos os anjos...
Louvem a Deus para sempre,
Amém, louvem a Deus para sempre
Amém... Amém... Amém
Louvem a Deus para sempre, amém

4.

Este pão que veio do céu
Foi Nossa Senhora quem mandou
Ao chegar aqui na terra
Esse pão se multiplicou

5.

Oh, que mesa tão bonita,
Toda cheia de nobreza,
Pai e Filho e Espírito Santo
Para agradecer a mesa

6.

Nossa Senhora desceu do céu
Desceu do Seu trono de nobreza
Desceu rezando Ave Maria
Para agradecer a sagrada mesa

7.

Oh senhora, Rainha de Ano
Não tenho nada pra lhe dar
Eu vou pedir Nossa Senhora
Para a sua casa Ela abençoar

8.

Já comeu, já bebeu
Nós agora vamo embora
São Benedito te abençoa
Junto com Nossa Senhora

O grupo de Candombe ficou formado por três tambus e uma puíta. Após retirar Nossa Senhora do Rosário das águas e levar até a igreja, os candombeiros deram nomes a cada tambu. O maior, que antes tinha o nome *Candombe*, passou a ter o nome *santana*; o menor que este, *chama*; o segundo menor, *crivo*; e o outro, *puíta*. Com o passar do tempo os candombeiros resolveram acrescentar mais um tambu, e deram-lhe o nome de *santa maria*. Também fizeram dois cestinhos fechados com o fundo de casco de jabuti e com pedrinhas dentro para dar som de chocalho. A estes deram o nome de *guaiás*. O Candombe ficou composto assim:

- puíta;
- santana (homenagem à mãe de Nossa Senhora);
- santa maria (homenagem à Nossa Senhora);
- chama (era tocado para reunir o Candombe);
- crivo (para harmonizar o ritmo);
- primeiro guaiá (instrumento de trabalho do Capitão);
- segundo guaiá (circula entre os candombeiros que se apresentam para dançar).

30 90

de começar durante a apresentação
chegar alguém algum problema
& pedir ajuda ao Capitão do
Comandante, estavam 175 pretos
que se reintegraram com a 1ª. Divisão
& viram como proceder.

O Sr. Sombro interdele em favor dos
Negros para que eles pudessem entrar
na Terra.

Os Negros eram obrigados a professar
a religião Católica (Regras e cultura
os pontos de Catolicismo), mas no
mas Conzolas, eles eram presidentes
de entrar na Terra, Sr. Sombro
interdele em favor dos Negros,
Apresentando mas águas na Praia
do Mar, com o propósito que se ~~podia~~
~~ver~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~se~~ ~~de~~ ~~via~~

Seu rio das águas e iria para a Terra
Terra quando o grupo mais
humilde, estes seriam os Comandantes
arabes da ~~cidade~~, A cidade o Padre
& Sombro de. Egresso Tomando Comu-
nimento de fato trataram logo de
providenciar para sua terra a Terra.
Organizaram e foram ao local, foi de
comissão pelo padre para acompanhá-lo
mas ele ficou sozinho, em um o padre
celebrar um missa, mas não
admitiu ele permanecer quieto

Os negros têm a intercessão de Nossa Senhora em três ocasiões

A primeira intercessão foi num país da Europa que estava sendo colonizado no século XIII. Em meados deste século Nossa Senhora do Rosário se manifestou para um rapaz e pediu que ele recitasse e divulgasse o rosário. Nossa Senhora explicou ao rapaz que, para rezar, ele deveria fazer uns montinhos de pedrinhas, de dez em dez, e em cada espaço, entre um montinho e outro, uma pedrinha maior deveria ser colocada, separando os montinhos de pedrinhas menores. Cada uma dessas pedrinhas era uma Ave-Maria e as maiores eram os Pais-Nossos. A cada oração ele atirava uma pedrinha no mar. Por isso se diz que as águas do mar são santas.

A segunda intercessão foi no Brasil. Houve aqui proibições aos negros, principalmente de entrar na igreja. Nossa Senhora do Rosário apareceu nas águas, mas ela não se materializou, manteve-se na forma de imagem, para ser levada por eles. Todos os grupos (guardas e banda) levaram-na em um andor, mas ela sempre voltava

para o mar, até que chegou o grupo de Candombe. Ele levou a santa definitivamente. Depois disso os negros tiveram a permissão de entrar na igreja, só que em Minas Gerais esta permissão foi negada. Mãe Sinhá se comoveu com o lamento do negro na porta da igreja:

9.

No tempo do cativoiro ô...
Como o nêgo apanhava ô...
O branco batia no nêgo, mais
Mãe Sinhá, ela num gostava aê
E quando o branco ia na missa,
Era o nêgo que levava ô
O caminho era tão longe eô
Nêgo se cansava ê...
Se pedisse pra descansar
De chibata ele apanhava ô...
Chegava na porta da igreja, só o branco
Que intrava ô...
Intrava e fechava a porta,
Do lado de fora nêgo ficava ô...

O nego quiria intrá na Igreja,
Mais o branco num deixava ô...
Então o nêgo chorava, nêgo chorava
Nêgo insistia e lamentava aê...
O nêgo falô pro branco,
"Dexa nós intrá na Igreja"
O branco falô pro nêgo, "Igreja num é
lugá de nêgo rezá é...
lugá de nêgo rezá é na senzala"
O nêgo insistia e chorava ô...
O branco falô pro nêgo,
"Aqui ocês num vai intrá e se temá
Vai apanhá ô..."
O nêgo falô pro branco,
"Se me batê eu vô falá pra Mãe Sinha ô..."
O branco bateu no nêgo
Nessa hora Mãe Sinhá chegô aê...
Mãe Sinha falô pro branco,
"Ocê pisa no chão e divagá ô...
Ocê dexa esses nêgo intrá na
Igreja que ês tão querendo é só rezá aê...
Ê... Sacristão, abre essa porta,
Deixa esses nêgo entrá

Para ouvir a Santa Missa
Que o vigário vai celebrar
Sacristão, abre essa porta, deixa esse nêgo entrá”

Assim ela intercedeu, mandando que abrissem a porta para que eles entrassem para assistir à missa. A partir de então os negros passaram a ter permissão para entrar na igreja, mas com a morte de Mãe Sinhá os negros foram novamente proibidos.

Mais uma vez Nossa Senhora intercedeu, terceira vez, aparecendo na Lapa (gruta). Houve o mesmo procedimento ocorrido na vez em que ela apareceu no mar:

10.

Nossa Senhora
Tava na lapa
Na lapa não pode ficá
Nossa Senhora é do Rosaro

Nem todos os fazendeiros respeitavam essas permissões. Em algumas comunidades e fazendas, os negros continuavam sendo proibidos de entrar na igreja, até que veio a libertação dos escravos em todo o Brasil pela Princesa Isabel. Os negros libertados se tornaram cidadãos brasileiros e não podiam mais ser proibidos de entrar na igreja.

18º Manifestação de Candombé
na Sanga

49

Não Compundir Candombé com
Candombé:

O Candombé é uma religião
onde não há trabalhos espirituais
além de incorporação dos espíritos
em fluidos, para trabalhos e cura
e outros.

No Candombé não há trabalhos
espirituais para estas finalidades.
A cura é obtida através de ^{uma} fita
em forma de um Sinal de Ruzaró
por espíritos de Luz, Sabedoria e
humildade, e Simplicidade, São

Os Príncipes Velhos de Arruanda
que atuam no Urucunda
Arruanda (Cidade Luz de Arrial)
E também através de termos que os
Tombos de Candombé são realmente
Sagrados e Terra Santa de
servir de ligação (Terra e Céu).

Capitão do Candombé e
Também não matéria em que
os espíritos de Luz se unem
para fazer esta ligação com
a Divindade e obter a cura se
for permitido por Deus.
Não há incorporação.

Não confundir Candombe com Candomblé

O Candombe é religiosidade católica; de origem espírita, porém inserido no catolicismo, louvando e festejando Nossa Senhora do Rosário e todos os santos por que seus devotos manifestem interesse. Portanto, esse mito em que algumas pessoas acreditam, de que o Candombe é coisa de feitiçaria, não tem o menor fundamento. Candombe é fé, amor e devoção a Nossa Senhora do Rosário.

O Candomblé é uma seita religiosa em que são feitos trabalhos espirituais através da incorporação dos espíritos em médiuns, para trabalhar a cura dos outros.

No Candombe não há trabalhos espirituais para estas finalidades. A cura é obtida através da nossa fé em Nossa Senhora do Rosário e nos espíritos de luz, sabedoria, humildade e simplicidade; e também dos pretos-velhos de Aruanda, que atuam na umbanda. Aruanda é a cidade luz do astral. Os pretos-velhos são espíritos

emissários de Nossa Senhora do Rosário, que protegem todo o povo
que compõe a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Pontos de preto-véio

11.

Vó Maria, vovó Dulce
Pai Mateus e pai Mané
Viva todo preto-véio
Viva a casa pai Guiné

12.

Vó Maria, vó Maria
Lavadeira da Sinhá
Tira o mal deste filho
E leva pras ondas do mar

13.

Vovó num quer
Casca de côco no terreiro
Prá num lembrar
Do tempo do cativoiro

14.

Preto-velho na senzala
Padeceu, padeceu,
Preto-velho não chorava
Só dizia "ai meu Deus"

Observação: pretos-velhos são espíritos elevados que encarnaram nas senzalas no tempo do cativo, com a missão de ajudar os escravos nos seus sofrimentos e angústias, administrando remédios de ervas para suas dores e sofrimentos, e aconselhando-os para abrandar suas angústias. Os pretos-velhos diziam aos seus irmãos de senzala que quando estivessem no tronco, sob chibatadas do ioiô, que eles elevassem seus pensamentos e pedissem a Nossa Senhora, pois esta aliviaria as suas dores.

Também acreditamos que os tambus do Candombe são realmente sagrados e têm poder de servir de ligação entre terra e céu. O Capitão do Candombe e os tambus são matéria de que os espíritos de luz se servem para fazer a ligação com a divindade e obter a cura, se for permitido por Deus. Não há incorporação.

A cachaça é necessária no ritual de preparação dos tambus, que envolve alguns segredos. Àqueles candombeiros que gostam, um golinho lhes é oferecido. No Candombe mirim a pinga é usada somente no ritual de preparação dos tambus. Jamais será oferecida ou permitida a menores de idade.

No Candombe, em geral existe essa mistura religiosa. Eles, vindo de uma cultura religiosa espírita, se inseriram no catolicismo através de Nossa Senhora do Rosário. Mas não abandonaram as suas origens cultural e religiosa herdadas de seus ancestrais.

09

Candombé:

É um ritual em que o sagrado é atuante e uma cultura religiosa Afro-brasilera, tradições e folclore.

É de origem espírita, portanto espiritualista, que faz uso da música através do canto e do som. Os instrumentos em que salientamos

Tambor, Catumbé e Sincam, em apresentações culturais ou religiosas. Estamos trabalhando em honra e louvar a Nossa Senhora do Rosário. Pode-se observar que quando apresentamos para dançar, fazemos um cântico vivo a Nossa Senhora do Rosário, Rei de Congo, Rainha de Congo e também sagrado, pode-se

observar também que sempre voltamos em direção aos Tambores, em respeito por ser eles instrumentos sagrados que foram oferecidos por Nossa Senhora do Rosário, no momento em que ela foi tirado das águas pelo Candombé. Muitas das vezes, nos pontos (Versas) do Candombé são usados, como de Animais, objetos ou produtos, para comemorar e melhorar situações que estejam acontecendo.

Tradição do Candombe

O Candombe, ritual e cultura afro-brasileira em que o sagrado é atuante, é, portanto, folclore, tradição, cultura religiosa. De origem espírita e inserido no catolicismo, tem como objetivo principal louvar, venerar e festejar Nossa Senhora do Rosário através do canto e da dança. No momento em que batemos nossos tambus, em apresentação cultural ou religiosa, cantamos e dançamos trabalhando para Nossa Senhora do Rosário. Pode-se observar que quando nos apresentamos para dançar, bradamos um caloroso “viva à Nossa Senhora do Rosário, Rei de Congo, Rainha de Congo e tambus sagrados!”. Pode-se observar também que o Candombe se dança sempre voltado para os tambus, em respeito por serem instrumentos sagrados que foram abençoados por Nossa Senhora do Rosário no momento em que ela foi tirada das águas pelos candombeiros.

Muitas vezes nos versos do Candombe são usados nomes de animais, objetos, produtos etc., para comunicar e resolver alguma

situação que esteja acontecendo no ritual e evitar que outras pessoas percebam o que está acontecendo. Os nomes de animal, objeto ou produto podem ter vários significados, dependendo da situação, do momento. Quando se diz *cobra*, referindo-se a pessoa, pode ser uma pessoa má, perigosa ou competente no seu ofício, ou também pode ser uma pessoa muito ágil:

15.

Que cobra é essa?
É cobra cainana, cacá
É cobra cainana, cacá

16.

Ô capela nova batiza minino
Ô capela nova batiza minino
Capela nova batiza minino novo,
E qual é o nome dele,
É padrinho é que põe

17.

Essa cana tá madura,
Tá na hora de moer,
Vamos cortar essa cana
Num posso deixar perder,
Essa cana tá madura
Tá na hora de moer
Meu engenho tá quebrado
Eu não sei o que fazer
Ê... Moedor
Mói a cana prá mim
Moedor

Quando se diz *cobra* em relação à cachaça, está-se alertando para o perigo: ela pode ser veneno ou remédio, dependendo de como será usada. Em excesso, veneno, com moderação, remédio.

Em uma entrevista o pesquisador quer saber segredos e mistérios da tradição. Então o Capitão diz:

Ê, já tão querendo comprá nosso rusaro, mais nós num vende não, ele é tudo que nós tem, ele é nossa fé e os ôto fica querendo intendê nossa language. A gente fala parecendo que é uma coisa mais é ôta coisa; só nós Capitão é que intende. Uma palavra pode sê uma penca de ideia. O Candombe é cercado de segredos e mistérios que infelizmente estão se perdendo no tempo.

Atualmente tem-se pouca sabedoria destes mistérios. Nos últimos séculos, a cada década o Candombe vem perdendo a sua própria identidade, porque não vem seguindo a sua própria tradição. Houve uma época, mais ou menos distante, em que essa tradição era passada de geração para geração. Muitos segredos e mistérios se perderam no tempo porque foram passados para herdeiros que recebiam ensinamentos em obediência aos seus pais e que, na ausência deles, não davam continuidade e nem passavam estes conhecimentos a outras pessoas. E também muita sabedoria foi para o túmulo, porque, bem mais perto de suas origens, tais conhecimentos, segredos e sabedoria destes mistérios só eram passados para o filho mais velho do Capitão e só quando ele completava sua maioridade.

Observação: os ensinamentos sobre a funcionalidade eram, sim, passados desde criança. Mas os segredos e mistérios, só para o futuro Capitão.

Não se pode traçar prognóstico sobre a perpetuação ou extinção do Candombe, devido a fatores como desinteresse da nova geração da sociedade em geral e principalmente da maioria dos herdeiros.

Os candombeiros atuais devem lutar para que o Candombe sobreviva a estas adversidades e retome seu espaço e lugar de destaque na sociedade. Houve época em que o Candombe era respeitadíssimo por ser ele composto de instrumentos sagrados que foram abençoados por Nossa Senhora do Rosário; portanto, pai de todos os grupos e guardas que compõem o congado e o sagrado afro-brasileiro. Houve época em que era o Candombe que abria as festas em honra e louvor a Nossa Senhora do Rosário, fazendo alvorada. Arranchava² para receber as guardas e todo o povo que vinha festejar e louvar Nossa Senhora do Rosário. Todos vinham aos pés do Candombe para tomar a bênção (saudar), por ele ser sagrado, abençoado por Nossa Senhora do Rosário.

² Preparava a comunidade para receber as guardas. (N. do E.)

01 Cardeante da Sapimbu

Canzala da Fazenda do Fidalgo
Mun. Ep. de Soago-Santa. A idade
estimada de Tamba e no mte
Dantana e de ± 1250 anos.

Três machos obtidos através de
falt. Pops Com D^o Patrocínio a
Cardeante, Aracá, Com mais de 90
anos de idade, na claria, ele tinha
essa grandeza que tem mais de 200
anos e eu me lembro quando eu comecei,
o Cardeante foi Tamba ele e foi para a
Aracá. Eu fui a oportunidade de obter
como foi o caso, foi com brasa Queiro que
foi por Extrato na Canzala,
o primeiro vez que eu vi o Cardeante
foi no caso de 57 anos de idade.
No tempo de alguns Cardeantes, no
ano foi no caso de 60 anos de idade
no tempo no momento, na
Josi Barbosa (Capitão de Cardeante)
Ornelas Paz, Afonso Tertius Duda, Antônio
de ~~1911~~ Z e Gabriel, José Carlos, Pedro
Dem Domo José Augusto, e
Benjamin Arruda no Guaiá.

Candombe da Lapinha

O Candombe da Lapinha nasceu na senzala da Fazenda do Fidalgo, no Município de Lagoa Santa. A idade estimada do tambu denominado santana é de mais ou menos 250 anos. Essa informação foi obtida durante uma conversa com Dona Patrocina, candombeira anciã, com aproximadamente 95 anos de idade. Na ocasião, ela me disse:

— Esse grandão tem mais de 200 anos. Eu era menina quando conheci o Candombe, já tinha ele e já parecia antigo. Eu tive a oportunidade de observar como foi ocado. Foi com brasa, creio que foi por escravos na senzala.

A primeira vez que eu vi o Candombe foi na casa de Seu José Armando. Lembro-me de alguns candombeiros. Isso se sucedeu na década de 1960. Os nomes de que me lembro no momento são José Barbosa (Capitão do Candombe), que recebeu esse Candombe de seu pai, que se chamava Arlindo Barbosa, Ormelão, Baze, Afonso

Tertur, Dudu, Antônio de Zé e Gabriel; José Caneca, Pedro sem Dono, José Augusto e Benjamin Arruda no guaiá.

Com a reativação do Reinado da Lapinha, as coroas do Reino de Nossa Senhora do Rosário, que estavam sob os cuidados do Rei de Congo, Senhor Antônio Siriaco, e da Rainha de Congo, Dona Benigna, foram passadas a novos Rei e Rainha: Rei de Congo, Senhor Vicente (Carbureto), e Rainha de Congo, Dona Maria Calabrenha. Foram coroados também novos Rei e Rainha de Ano: Rei de Ano, Senhor Antônio Calixtro, e Rainha de Ano, Dona Hondina Moreira. Na ocasião a Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário de Mocambeiro foi convidada para levantar a Festa de Nossa Senhora do Rosário na Lapinha. Com a formação dessa guarda, o grupo de Candombe, por algumas vezes, enfraqueceu, mas com muita dificuldade, sobreviveu. Com a morte do Capitão José Barbosa, seus herdeiros tentaram dar continuidade ao Candombe, mas não foi possível devido à escassez de componentes para o grupo.

A partir desse dia o Candombe ficou desativado por mais ou menos vinte anos. Meu pai, Tião de Regina, Rei de Congo, na época se sentiu na obrigação de recolher os tambus, por saber da importância

deses instrumentos sagrados e por eles serem corpo integrante da Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário da Lapinha. Pai conseguiu reativar o Candombe, mesmo com as dificuldades persistindo, mas foi por pouco tempo, mais ou menos dois anos. A partir de então o Candombe ficou desativado novamente, sob seus cuidados, e após a sua morte esta responsabilidade ficou para seus herdeiros.

No ano de 2003, eu tomei a iniciativa de restaurar os tambus para que o Candombe fosse entregue ao atual Rei de Congo. Fiz isso porque achava que ele não deveria ficar mais sob os cuidados de nossa família. Entreguei aos responsáveis pelo Reino do Rosário. Na ocasião decidiram que, em vez de chamar um Candombe de outra comunidade para participar da festa, seriam convidados os candombeiros da região e usaríamos os tambus do Candombe da Lapinha, que também deveria ter como dirigente um Capitão candombeiro da própria comunidade.

Então começou a procura por uma pessoa que gostaria de assumir este cargo. O convite foi feito a várias pessoas, mas não houve quem quisesse tal responsabilidade. Me convidaram também, mas eu não aceitei por achar que não seria possível, devido a minha

falta de conhecimento dos fundamentos do Candombe. Eu conhecia um pouco da funcionalidade: como bater tambu, dançar e cantar na sala do Candombe, porém achava que isso seria muito pouco para que eu assumisse um cargo de tamanha importância. Confesso que eu tinha um desejo enorme de que o Candombe voltasse a trabalhar no Reino de Nossa Senhora do Rosário, na Lapinha. Então procurei o Capitão do Candombe de Mocamebeiro para saber como era o procedimento enquanto dirigente de um grupo e se ele passaria alguma coisa para mim.

Eu perguntei a ele, Lelé:

— O que eu preciso para assumir esta responsabilidade?

Ele respondeu:

— Você já tem berço, você é filho de Rei de Congo, e Candombe é congo. No mais é ter, e eu sei que você tem, fé, amor e devoção a Nossa Senhora do Rosário, humildade e respeito aos tambus.

Eu continuei a achar que estas qualidades seriam poucas para que eu assumisse tal responsabilidade. Na verdade, acho que tive medo de não conseguir, então desisti da ideia de ser Capitão de Candombe. Passaram alguns dias.

Num certo dia a minha esposa me pediu que eu a levasse numa benzedeira, na Cidade de Paraopeba. Chegando lá, ela fez sua consulta e recebeu orientações. Terminada a sessão, a benzedeira me perguntou:

— E o senhor?

Eu respondi:

— Graças a Deus estou bem.

Ela pegou em minhas mãos e disse:

— É verdade, está tudo bem e vai melhorar ainda mais. Você vai subir de patente!

Eu hesitei. Ela percebeu que eu não havia entendido e me perguntou:

— Você é militar?

— Não. Sou aposentado, trabalhei numa fábrica de cimento.

Notei que ela se entristeceu, seu semblante mudou achando que tinha errado em um prognóstico. Fomos embora e eu fiquei analisando aquela conversa. Quando cheguei à conclusão:

— Subir de patente, militar, o que ela viu foi eu recebendo o cargo de Capitão, mas não de policial, e sim de Candombe.

Comentei o ocorrido com um dos membros da diretoria do Reino de Nossa Senhora do Rosário da Lapinha. Falei do meu interesse em assumir tal responsabilidade, apesar da pouca sabedoria sobre os fundamentos do Candombe, mas que, juntando fé, amor, devoção, respeito, boa-vontade, perseverança, humildade e simplicidade, eu conseguiria.

18.

Eu sou novo Capitão
Com pouca sabedoria
Vou pedir a proteção
À Virgem Santa Maria

19.

Viva Deus e o rusaro
Viva a nossa união
Somos filhos de Maria
Jesus Cristo é nosso irmão

20.

Capitão, que alegria
Te recebo aqui agora
Ora, vamos festejar
O rosário de Nossa Senhora

Peguei na mão de Nossa Senhora do Rosário, pedi que ela me conduzisse e arregacei as mangas. Fui à luta (no bom sentido). Os obstáculos são muitos, são difíceis, mas não intransponíveis. Quando estou quase caindo diante de alguma adversidade, recorro a Ela, e Ela me dá a mão e me reergue. Eu continuo a minha missão.

21.

Minha Virgem do Rosário
Aceitei essa missão
Prá cumpri essa tarefa
Peço Vossa proteção

Sobre o autor

"Eu encaro o Candombe com muita seriedade; o Candombe, ele é sagrado, eu acredito, tenho convicção que é sagrado. Eu respeito o Candombe como uma divindade."

Senhor David Alves nasceu em 14 de maio de 1952 em Lapinha, distrito do Município de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Capitão do Candombe de sua cidade natal, já muito cedo teve os primeiros contatos com a tradição, quando, por volta dos 10 anos de idade, foi a um ensaio do grupo de Candombe na casa de Seu José Armando, passando, a partir de então, a acompanhar o grupo em suas atividades, quando da reativação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Lapinha.

Com a reativação da guarda de congo, Capitão David, então no início da adolescência, passa a integrar o grupo como dançante, "mas ficava sempre aguardando uma oportunidade, um tempinho para correr pro Candombe", conta. Com o falecimento de seu Capitão, José Barbosa, e a impossibilidade de seus herdeiros darem continuidade à tradição, o Candombe foi desativado. Os tambus foram, então, recolhidos por Seu Tião, pai de Seu David e Rei de Congo, que,

neste momento, não se esqueceu de suplicar ao filho “não deixa o meu Candombe acabar”.

Com a chegada da idade adulta, seu David deixa a Lapinha para tentar a vida em Pedro Leopoldo – MG, em uma fábrica de tecidos, acompanhando as Festas do Rosário e os grupos da irmandade sempre que podia. Em 1991 falece seu pai, legando-lhe os tambus e a responsabilidade de tentar reativar o Candombe. Seu David intensifica sua participação nos festejos, acompanhando o Candombe de Mocambeiro e buscando aprender com seu Capitão, Lelé, o que fosse preciso para reavivar e reger o grupo de sua comunidade, o que conseguiu fazer, “com muito esforço” e após muita hesitação, no início dos anos 2000.

Hoje, com 64 anos, casado com Dona Ione Alves e pai de um casal de filhos já adultos, Seu David compartilha do mesmo temor que um dia lhe segredou seu pai. Vencedor, com o Candombe da Lapinha, do Prêmio Culturas Populares, edição 100 Anos de Mazzaropi, o Capitão procura investir na formação de novos candombeiros, em sua incessante luta pela manutenção do grupo: “Essas crianças que eu vou iniciar com elas, eu espero que elas tenham fé, amor,

devoção, amor a Nossa Senhora do Rosário, respeito para com os tambus, para com todos os candombeiros”. E conclui: “Eu acho que o caminho é este. Tem tudo pra dar certo.”



“Ô santanê / Ô santaná / Saravo o nganga David / No firmamento desse Congá”

Em 2011, na comunidade da Lapinha, distrito de Lagoa Santa – MG, o Capitão David me apresentou seus manuscritos, durante uma gravação que fizemos com ele sobre a tradição do Candombe. Diante de todos aqueles registros e memórias da cultura que ele vive até hoje, eu e a Professora Sônia Queiroz – responsável, na época, pelo Laboratório de Edição (Labeled) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) apresentamos ao capitão a possibilidade de editar o que ele já havia feito até aquele momento. Depois de muitos encontros e passados alguns anos, o Capitão continua escrevendo e praticando a sua tradição, inclusive passando seus saberes para os mais novos do Candombe Mirim, terno criado e dirigido por ele na comunidade da Lapinha.

As narrativas do Capitão David representam uma encruzilhada entre signos e símbolos da cosmovisão da tradição do Candombe e a tessitura da escrita. A sua voz, como ato de demarcação e

apropriação espaço-temporal, atira-se e é arrojada nos manuscritos, deslocando seu corpo e mantendo no que registra o aspecto mágico-religioso, legitimando na própria escrita uma circunferência plural de vozes e memórias do Candombe.

O trabalho realizado pelas várias vozes que compõem a memória do Capitão, e que se manifesta por meio da escrita e/ou pela *performance* oral, evidencia elementos que definem a estrutura sógnica das narrações e cantos da tradição do Reinado que tem por base o protagonismo do Candombe. Os percursos curvilíneos tecidos pela leitura dos cantos de dançar e das narrações são constantemente delineados pela amálgama de letra e voz. Na leitura dos manuscritos não é possível sentir, nem pensar a letra e a voz (ou vice-versa) de forma separada. Mesmo trazendo esses registros, *a priori*, no mínimo dois sistemas textuais, o oral e o escrito, olho para o Capitão David como o cantante dançante e escritor que apresenta nos seus manuscritos a configuração poética de outro sistema, em que voz e letra proferem um solo. Nas malhas da sua letra escrita, a voz não é só fisgada, mas é também o que se inscreve enquanto verbo em registro.

O Capitão pontua, em seus manuscritos, alguns saberes e crenças das práticas mágico-religiosas do Candombe por meio de um gênero narrativo que ganha força no (des)centramento de palavras, frases, versos e cantos. Com isso, estou dizendo que emana de seus escritos uma sensação de que a memória grafada só tem o sentido a ela atribuído quando a narração se torna via de passagem para a intercessão com os cantos em seu discorrer.

O cantante dançante Capitão David, a meu ver, é inscitor da tradição ao praticá-la, e, como narrador, ao escrevê-la nos seus manuscritos. Nesse sentido, Seu David é uma personificação coletiva de vozes que ressoam suas memórias, a partir das diferentes temporalidades de existência da tradição. Em consonância com seus registros, ele também deixa nos tambus e guaiás as marcas de suas mãos, que se desvelam em tons acentuados e grafitam como palimpsestos as marcas da dedicação nos corpos dos ingomas, não deixando os tambores esfriarem.

Ridalvo Félix



Gravações sonoras

1. Ave Maria
2. Nossa Senhora, não fique nas águas
3. Bendito é... louvado seja...
4. Este pão que veio do céu
5. Oh, que mesa tão bonita
6. Nossa Senhora desceu do céu
7. Oh senhora, Rainha de Ano
8. Já comeu, já bebeu
9. No tempo do cativoiro ô...
10. Nossa Senhora/ Tava na lapa
11. Vó Maria, vovó Dulce
12. Vó Maria, vó Maria
13. Vovó num quer/ Casca de côco no terreiro
14. Preto-velho na senzala
15. Que cobra é essa?

16. Ô capela nova batiza minino
17. Essa cana tá madura
18. Eu sou novo Capitão
19. Viva Deus e o rusaro
20. Capitão, que alegria
21. Minha Virgem do Rusaro



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado. Contém CD.